

# Lorem Ipsum

## Barone

Ricardo saiu do trabalho às 19h (uma hora após o fim do expediente), como fazia todos os dias. Acendeu seu cigarro e caminhou até o ponto, no qual o ônibus para a sua casa passaria, como sempre, em cerca de 10 minutos.

Sua colega de trabalho, Érica, que o acompanhava na caminhada de segunda à sexta, faltou naquela terça-feira. Caminhando pelas ruas escuras numa noite tempestuosa de inverno, sentiu subitamente uma desolação enorme, que o assolou de tal forma que perdeu o controle: sentou-se de imediato no meio-fio da calçada.

Tentou se acalmar lembrando que esse tipo de crise acontecia com mais frequência em pessoas de meia idade e que ainda era muito jovem, com seus 25 anos, para dar atenção àquele tipo de tolice. Mas isso não melhorou muito seu estado de espírito.

Como se estivesse em queda livre num poço sem fim, começou a questionar, aflito, sua pacata e metódica vida: alguma vez uma novidade tivera acontecido? Fizera algo de útil até então, fora os trabalhos medíocres da agência de publicidade? Há quanto tempo não visitava seus pais? Seus amigos? Ainda tinha algum?

E então a coisa ficou muito pior: começou a se lembrar de todos os seus amores, correspondidos ou não, desde os tempos de infância. Jéssica, Lígia, Talita, Débora...e, é claro, Ana! Aquela que o impeliu a esmigalhar seu orgulho e amor próprio em detrimento de uma relação que acabou sem bons motivos e quase o colocou naquele mesmo lugar: a sarjeta da vida. Essas e todas as outras passavam diante de seus olhos como um filme, cada frame reabrindo uma ferida em seu coração.

Lembrou-se da morte de seu tio, quando jurou a Deus e o Diabo que não terminaria como aquele velho angustiado, outrora seu melhor companheiro nas aventuras de molecagem. Porém, sua ambição profissional – que até agora não havia rendido nada – o afastou de seu intuito e, mesmo em meio à multidão caótica de São Paulo, sentia-se tão só que se via como o último ser humano são do mundo. Ou, talvez, o único verdadeiramente insano.

Quando estava prestes a estatelar as costas no fundo do seu abismo antropológico, já aos prantos e com o cabelo emaranhado por mãos inquietas, um lampejo de lucidez e racionalidade o amparou:

***- Puta que o pariu! Esqueci de deixar comida pro Bill!***

Já carente de suas faculdades mentais plenas, desatou a correr freneticamente, abandonando sua maleta com o notebook e os três últimos projetos do cliente – que deveria finalizar até o fim do mês, o que concluiria o processo de sua demissão – na rua. Sua vida e a do gato tornaram-se uma só e, para Ricardo, estavam na corda-bamba.

Chegou na esquina oposta ao ponto a tempo de ver o ônibus partir. Com o coração explodindo e a adrenalina a mil, jogou-se do meio-fio em direção aos carros, que vinham rápido pelas pistas molhadas da avenida. Era seu último e único ato real de liberdade em toda a sua breve vida.

O Palio vermelho o acertou em cheio, arremessando-o vários metros até que seu corpo parasse próximo a uma viatura da CET. A motorista, desesperada, gritava palavras desconexas para os guardas e a multidão de curiosos que olhavam para o cadáver de Ricardo; um sorriso pueril marcava seu semblante.

***Era Ana.***

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/lorem-ipsum>